Quem me dera ser onda

Manuel Rui

Manuel Rui

Quem me dera ser onda

Título: *Quem me dera ser onda* © Manuel Rui e Edições Cotovia, Lda., Lisboa, 1991

1.a Edição: Julho de 1991

2.a Edição: Março de 1993

3.a Edição: Outubro de 1995

4.a Edição: Junho de 1998

5.a Edição: Abril de 1999

Capa de Jorge Silva

ISBN 972-8423-43-8

Cotovia Limitada – Lisboa

Faustino só tirava o dedo do botão quando o elevador aparecia.

- Como é? Porco no elevador?

- Porco não. Leitão, camarada Faustino.

- Dá no mesmo em matéria de interpretação de leis.

- Quais leis?

- O problema é o que a gente combinou na assembleia de moradores e o camarada estava presente. Votação por unanimidade. Aqui no elevador só pessoas. E coisas só no monta-cargas.

- Mas leitão é coisa?

- Nada disso. Bichos ficou combinado cão, gato ou passarinho. Agora se for galinha morta depenada, leitão ou cabrito já morto, limpo e embrulhado, passa como carne, também está previsto. Leitão assim vivo é que não tem direito, camarada Diogo, cai na alçada da lei.

- Alçada como? Primeiro o monta-cargas está avariado. Um dia inteiro que a sua mulher andou a carregar embambas para cima e para baixo. E depois o

monta-cargas, está a ver? Em segundo o leitão está em trânsito, não anda de cima para baixo e de baixo para cima. E foi este leitão que trouxe catolotolo aqui no prédio?

Pararam no sétimo. O leitão estava renitente mas Diogo arrastou-o pela corda. E, já com a chave na porta, olhou para trás e não viu o vizinho.

- Mãe! O pai trouxe leitão!

- Calma só, Zeca. Deixa passar o pai.

- Saiam da frente. Diogo atravessou a sala comum, chegou na varanda larga que dava para a rua, levantou alguma roupa pendurada no arame e atou a corda do leitão na barra que separava as persianas.

- Olha só, ronca que chega. - Ruça aproximava-se tentando a familiaridade com o bicho.

- Está bem, mas primeiro organizar. Liloça, levanta o bafo do rádio todo, e vocês, Zeca e Ruça, vão depressa na casa do camarada Nazário ver se está lá o nosso vizinho Faustino. Depressa!

De repente a casa parecia transformada. O porco numa berraria de inadaptação a aleitar a vizinhança; o som do rádio no máximo; e os dois miúdos a saírem nas horas. Carregaram no botão. O elevador nunca mais. E sempre em corrida desceram as escadas até ao segundo andar.

- Boa-noite dona Xica. Era só pra pedir no Beto lápis de cor.

- Beto! Beto! O Ruça está aqui. Entra.

”Eu na minha pessoa de assessor popular não posso admitir este desrespeito pela disciplina. E você também, camarada Nazário. Ou é ou não é o responsável máximo pelo prédio? Amanhã temos que mandar o fiscal em casa do gajo e descobrir esse porco para lhe multar ou mesmo correr com esta gente do prédio.”

Assim que Zeca ouviu este rabo de conversa lá no fundo do corredor, pegou

na caixa dos lápis e nem se despediu. O irmão atrás na rapidez.

- Ai é? com que então fiscal.

- Foi assim mesmo que falaram, pai - reafirmou Ruça.

A família estava no peixe frito com arroz mas os miúdos não descolavam os olhos do leitão ali mesmo ao pé, na varanda, a grunhir e a farejar aquele sítio novo para viver. E a fala dele abafada pelo som do rádio.

- Pois aqui não entra fiscal nenhum. E esse cabrão do Faustino ainda vou descobrir como lhe rectificaram, catete de merda.

- Mas estás a fazer tribalismo...

- Eu é que estou a fazer? Eu que nem tenho maka com porco. Ele é que está a fazer tribalismo. E com o porco. Só porque é meu. Tribalismo! Deixa lá os ismos, mulher, que isso não enche barriga. Ismo é peixefritismo, fungismo e outros ismos da barriga da gente. E tribalista é quem combate os ismos da barriga do povo, como esse Faustino.

É por isso que isto não anda prà frente e eu é que devia falar na rádio e não esses berenguéis simonescos. Era mesmo no meio dos relatos de futebol que eu ia falar em panquês, e ismos da barriga. É só peixe frito e paleio - e arrotou.

- Mas vamos comer o leitão, não é?

- Nada, Zeca. Plano, sempre o plano. Vamos criar. Engordar. Depois é muita carne.

Ficou uma fímbria de desapontamento nos rostos dos dois miúdos. A mãe empilhou os pratos, levou na cozinha. Depois regressou e fez a pergunta:

- Como é que a gente vai criar um porco aqui no sétimo andar?

- Calma, Liloca. Vamos estudar um plano. Comida, restos de hotel. A seguir é só educar ele a não gritar. E com panquê nem um porco grita. É lei da vida.

A dona virou os olhos para o leitão. Magicava nessa dúvida. Como era possível criar assim um porco num sétimo andar? Prédio tudo de gentes escriturária, secretária. Funcionários de ministérios. Um assessor popular, e até um seguras que andava num carro com duas antenas, fora os militantes do Partido?

- Isto ainda vai dar uma maka com o Instituto de Habitação.

- com quê, Liloca?

- Sim, com o Instituto...

- Qual Instituto qual merda, bando de corruptos que arranjam casas só prós amigos. Eu sempre paguei renda. E casas que não têm porco estão mais porcas do que esta.

De seguida levantou-se e foi ao pé do leitão. Liloca e os miúdos imitaram-no e a família toda permaneceu em semicírculo a contemplar aquele novo inquilino. O porco farejava e abanava as orelhas, como que a interrogar a razão do seu novo estatuto.

- Temos de lhe pôr um nome - disse Zeca, eufórico.

- Fica "carnaval"!

- Acho bem, Ruça. Pode ficar "carnaval". E no carnaval a gente mata e come. com fiscal ou sem fiscal. O porco é nosso.

Na cara de Liloca a alegria de ver pai e filhos contentes na igual ideia, ainda riqueza de um leitão mais tarde um porco de tanta coisa, torresmos, banha, carne, costeletas, ossos para salgar. Abriu a boca de sono.

- Mas temos de baixar o rádio.

- Apaga mesmo, Liloca. Coragem, porque a razão é nossa. Um porco se ronca na rua ninguém lhe multa. Se estão num minuto de silêncio e ele berra

ninguém lhe prende. Quem então é que este porco candengue está incomodar? Só na lei desse advogado de tuge. Não é? Que tratem mas é de resolver o problema da água. Eu é que não vou mais a essas reuniões de moradores. São sempre os mesmos que falam e agora já nem um porco se pode ter.

Ainda antes de irem na cama, Zeca e Ruça iniciaram conhecimentos com "carnaval". Devagarinho, mão na espinha, o porco a deixar até quando Zeca lhe abusou puxando no rabo e o leitão roncou forte no silêncio do rádio apagado.

- Porra. O porco só chegou agora e vocês não têm respeito, o Faustino se calhar a ouvir. Cama! E amanhã, se a vossa mãe não estiver, não entra fiscal nenhum. Cama, já disse!

Sete e meia da manhã, antes de ir no emprego, Diogo avisou outra vez que fiscal não entrava.

Depois a dona saiu nas bichas. Então Zeca e Ruça começaram logo entretenimento com o porco.

- Ruça, vamos-lhe dar banho. Desamarraram a corda do ferro das persianas e conduziram "carnaval" até na casa de banho. Abriram o chuveiro e, no momento em que forçavam o bicho para a banheira, a campainha tocou.

De imediato, Zeca teve o cuidado de fechar a casa de banho e esconder a chave na gaveta do guarda-loiça. Foram na porta. Ruça é que entreabriu e falou:

- Bom-dia. O que é que o camarada quer? O pai não está em casa.

- Também não é preciso.

E o homem empurrou a porta num safanão.

- Você não pode entrar assim dentro da casa das pessoas.

- Quem é que disse?

O meu primo Cinquenta, que trabalha na segurança. Posso gritar, lhe prendem - insinuou Ruça.

Ele e o irmão tremiam, arrependidos. Não estavam a cumprir as orientações do pai. Nem sequer deviam ter aberto a porta.

Vá, pioneiros. O porco onde está? Onde está o porco?

Porco é você - ripostou Zeca afastando-se para detrás da mesa. - Aqui não tem porco.

Vamos a ver. - E o homem começou a vasculhar. Primeiro passou na cozinha. Depois na sala outra vez. Os dois quartos. E deteve-se na varanda.

- Mas cheira a porco!

Cheira porque é o vizinho camarada Faustino que costuma ter porco - afirmou Ruça mostrando convicção. - Se o senhor é ladrão de porcos, pode ir lá.

Senhor não, camarada. E não sou ladrão sou fiscal.

- *Ai* é? Então tem de ir lá mesmo, que a dona também faz quitanda de dendém.

- E fazem caporoto à noite - acrescentou Zeca.

- Para venderem ao sábado cada búlgaro cem kwanzas sem troco - completou Ruça.

com o riso de fiscal contente de missão cumprida, ficou ainda um bocado de indicador na testa a arrumar inteligência. E, ouvindo barulho de água a correr dum chuveiro, indagou apontando para a porta:

- Quem é que está ali?

- É o primo Cinquenta da segurança, trabalhou de noite, na casa dele não tem água e veio aqui tomar banho.

- Da segurança?

- Sim - reafirmou Zeca. E o fiscal começou a andar para a porta.

- Bem. Se não tem porco é porque não tem porco mesmo e... - Parou ao pé da cozinha.

- Zeca, liga o telefone na casa da professora. Diz que está aqui um camarada a cara dele é igualzinha à do ladrão que esteve na nossa escola e matou dois pioneiros. É ele mesmo! - E Ruça olhava acusador para o fiscal. O homem correu para a porta.

- Vocês estão doidos, pioneiros. Eu sou uma autoridade, e como é essa confusão?

Mas Zeca a riscar números de telefone e o irmão só fechou a porta depois de espreitar o fiscal tocar a campainha da casa do Faustino.

- Grande berrida levou esse fraccionista! gritou Ruça.

- Agora o nome do porco não é só " carnaval".

- Então?

- É "carnaval da vitória".

Entraram na casa de banho, fecharam o chuveiro e, no meio da alegria da vitória, Ruça quis por apoteose:

- Zeca. Vai nos andares de baixo, toca as campainhas e diz que anda gatuno aqui no prédio. Toca na casa do Beto e diz para ele ir tocar também e avisar os outros para tocarem nas campainhas e para toda a gente ficar nas portas porque anda um ladrão.

- Desculpe. Não é preciso zanga assim, que eu estou no meu serviço de fiscal. É a minha obrigação.

- Mas nesta casa? O meu marido assessor popular no tribunal e você é que vem fiscalizar a inventar que temos um porco em casa? É o quê, afinal?

- Pior um pouco. Na casa de um responsável. Porque a verdade é que cheira.

- Cheira a quê?

- A porco. - E o fiscal começou a farejar.

- ai, Procure então, se quer.

A dona estava exaltada e conduzia o fiscal pela casa sem pronunciar mais palavra. Por fim chegaram à varanda e o fiscal bateu palmas. O chão estava todo coberto de dendém.

- Cá está!

- O quê?

O fiscal tirou do bolso um pequeno bloco-notas e apontou em voz alta:

- Quitanda clandestina de dendém em prédio habitacionável e especulativa contra-revolucionária - e perguntou: - a fabriqueta do capa-érre?

- Bandido! seu bandido o dendém é a minha sogra que manda de Ambrizete só para a gente comer e ainda dar nos amigos. Fora daqui. - E a primeira coisa que apanhou foi uma frigideira. O fiscal abaixou-se instintivamente, a frigideira bateu na parede mas a dona tomou da vassoura e o homem fugiu de raspão porta fora, no fim do corredor de apartamentos foi logo na escada sem viajar mais no elevador. Quando ia no quinto andar, Zeca gritou escondido no vão da escada:

- Agarrem o gatuno!

E em todo o prédio ecoaram gritos de outros miúdos num passa-palavra de

agitação. As donas a sair das portas numa azáfama de bloquear a passagem ao bandido, "telefonem na polícia", "não deixem passar ele em baixo", "furem-no com um tiro", "chamem a ó-dê-pê", e Zeca aproveitou a confusão subiu as escadas para regressar no apartamento e aí cruzou-se com a mulher do Faustino de vassoura na mão a espumar "matem esse gatuno queria-me assaltar disfarçado de fiscal de caporoto"!

Ruça abriu logo a porta:

- Como é?

- Fecha depressa. Tudo faine. Vamos observar na varanda.

Lá em baixo a peleja tinha crescido. Fiscal no meio exibindo documentos. As donas, os miúdos e mais gente de passagem rodeando o intruso. Os carros buzinando por causa do engarrafamento. Insultos de quem chegava adiantando discussão e ainda as mulheres em voz alta, "prendam esse gatuno", "é o mesmo da semana passada", "foi o que roubou a aparelhagem", "se calhar o cartão dele ainda é falso". Chegou um carro da polícia e Zeca correu as persianas, levantou o rádio no máximo e disse para o Irmão:

- A maka não é connosco e agora é que a gente não abre a porta a ninguém. Foi assim que mandou o pai - e fechou a porta com trinco, fecho e tranca.

Dona Liloca bem tocou a campainha repetidas vezes. E os filhos nada. Ela mesmo percebeu existir uma cena, pois o programa "dia-a-dia na cidade" chegava cá fora tão alto que era impossível alguém ouvir lá dentro o som da campainha. Até que chegou Diogo e, na preocupação de algum acidente dos filhos com a garrafa de gás, tentou arrombar a porta a pontapé. Os miúdos despertaram.

- Quem é? - perguntou Zeca abeirando-se da porta.

- Abram essa merda!

Ruça movimentou a chave, o trinco, e destrancou.

- Que raio de coisa é esta? A vossa mãe lá fora à espera até agora, o almoço por fazer, o doutor Africano Neto põe os malucos à solta e eu com dois filhos chanfrados aqui dentro de casa. Eu dou-vos o tratamento!

Mas os miúdos contaram a chegada do fiscal. A finta que lhe pregaram com o leitão dentro da casa de banho e depois o susto que o homem apanhou quando lhe anunciaram o primo da segurança e ainda fingirem no telefone avariado conversa na professora por causa de um imaginado assaltante da escola.

Diogo abraçou a mulher e os filhos, gargalharam todos aquela primeira manhã clandestina do porco, e a dona arranjou sandes de peixe frito para os miúdos, que foram a correr nas aulas sem esquecerem o saco de plástico para a comida de "carnaval da vitória". Sem contarem no pai o resto da aventura com a mentira má das candongas do Faustino em dendém, porco e capa-érre. Muito menos a do gatuno.

No intervalo da escola Ruça foi o narrador. Zeca e Beto ajudaram nos pequenos pormenores de verdade e heroísmo. Que era um ladrão de porcos que tinha entrado na casa. Lhe assustaram com segurança. Tentou fugir, mas os três, Ruça, Zeca e Beto, taparam-lhe a saída do prédio até que veio a polícia e o ladrão foi agarrado e preso.

- Como era ele então?

- Fato sandokan e óculos escuros - explicava Zeca.

- E levava catana?

- Qual! Duas pistolas de cano comprido e granadas no cinturão - e Beto fazia gestos do tamanho.

- Vocês também lhe podiam ter recuperado as pistolas.

- O polícia ficou com elas. Mas olhem: - e Ruça, contente, subia o tom de voz - primeiro o porco chamava-se "carnaval", mas depois da nossa guerra com o

bandido, como a gente ganhou, agora o nome fica "carnaval da vitória".

- É um nome bestial. Vocês têm de trazer o gajo aqui na escola para a malta ver.

No fim da tarde, quando saíram das aulas, Ruça e Zeca foram nas traseiras do Trópico e encheram à vontade o saco de plástico com comida para o leitão. No caminho para casa, fugiram do grande trânsito, passaram nas ruas mais pequenas sempre a olharem de um lado para o outro com medo de aparecer o fiscal de repente e lhes querer tirar desforra. Mas iam com tanta vontade de reencontrar "carnaval da vitória" que correram com toda a pressa assim que dobraram a esquina que dava na rua deles.

Mas o azar! Logo cá em baixo deram com o camarada Nazário a colar um cartaz na parede. Estava de costas, concentrado, e os miúdos conseguiram ver e ler as letras vermelhas na cartolina amarela:

1." Porque é preciso resolver os problemas do povo deste prédio: Assim é que: está proibida a habitação no seio do mesmo de animais porcos çuínos. Produção, Vigilância, disciplina

Nazário e Faustino

Abaixo a reacção

A Luta continua

A Vitória é certa!

- Desculpe camarada Nazário, mas suíno é com esse, disciplina é antes de vigilância e antes da luta continua tem de pôr pelo Poder Popular e no fim acaba ano da criação da Assembleia do Povo e Congresso Extraordinário do Partido!

- Onde isto chegou! - Nazário falava com a mão direita a ameaçar chapada -, miúdos a mandarem bocas nos mais-velhos. Se não fôssemos nós vocês não

tinham nem independência nem escola.

- Mas em que guerras é que o camarada combateu, se mesmo quando esteve a fenelá basou de casa e só veio quando acabaram os bombardeamentos?

Nazário não respondeu ao arreganho de Zeca. Emendou primeiro a palavra suíno. Depois, com letras pequeninas, encavalitou *pelo Poder Popular*, mas no fim das assinaturas já não havia mais espaço e também não dava para antecipar disciplina a vigilância.

- É melhor fazer uma coisa nova camarada Nazário - insinuou Ruça.

Nazário arrancou o cartaz, virou-se e, ao reparar no saco de plástico cheio de restos, ficou ainda mais raivoso.

- Pra que é isso que vocês levam no saco? Comida de porco, é?

Zeca já tinha a porta do elevador aberta e dedo no botão do sétimo. Ruça agarrou no saco e, já dentro do elevador, esclareceu:

- Parece que o pai convidou o camarada Faustino para jantar.

- Filhos da puta!

Mas já lhe tinham atirado com a porta do elevador na cara.

“Carnaval da vitória” era dos seres vivos que mais benefícios haviam tirado com a revolução. Nascido de uma ninhada de sete, sobrevivera na subdesenvolvida chafurda da beira-mar da Corimba. Aí se habituara às dietas mais improvisadas, cuja base fundamental eram as espinhas de peixe. Nas confusões da areia, cedo ele e seus irmãos se libertaram da tutela maternal. Metiam focinho em tudo. Roupa que estava a secar, biquinis de banhistas nocturnas. E mesmo panelas prontas de comida quente eles entornavam e, se vinham as proprietárias vergastá-los com ramos de palmeiras, eles corriam noutra confusão. Ninhada que ficou

precoce porque a mãe, no lhes ensinar-travessias do asfalto da Corimba, fez um acidente de trânsito com um batedor cê-pê-pê-à motorizado. Morreu ela e o polícia. O dono não se apresentou como responsável da porca, e cuidou-se em preservar semiclandestinamente a ninhada. Porém, na semana seguinte, dos outros cinco irmãos de "carnaval da vitória", três foram varridos num comba e dois foram de oferta ao cabo-do-mar que facilitava na vida do pescador dono dos porcos. Para preservação da espécie, a irmã de "carnaval da vitória" foi conservada numa pequena pocilga de improvisação.

"Carnaval da vitória" valeu uma transferência de cinco grades "cuca" vasilhames fora.

Após que a vida se tornou diferente. Porco raro. Agora não chafurdava nos areais vadios. Comia de um hotel de primeira; nos restos vinham panados, saladas mistas, camarões, maioneses, lagosta, bolo inglês, outras coisas sempre a variar. E ele não deixava sobras ante o olhar investidor de Diogo, que media constante o porco em seu crescimento.

E iniciava-se nos gostos musicais. Se roncava protestos, Diogo mandava logo a mulher ou um dos filhos levantar o rádio para abafar denúncia da presença do porco. Mas bastava só diminuir um pouco o som do rádio para ele roncar.

- Estás-te a aburguesar - dizia o chefe da família Diogo. - Quem te viu e quem te vê. É a luta de classes! - e os miúdos partiam o coco a rir até o pai se irritar por causa do peixe frito com arroz.

Mas que o porco vivia, isso sim. Pancar, dormir, ouvir música e fazer porcarias malcheirosas'. de porco. De manhã, manhãzinha, Zeca e Ruça retiravam com a pá do lixo o cocó dele e iam depressa, balde na mão, despejar lá em baixo no contentor. "Isso ninguém pode ver, é uma prova" - recomendava o pai. Depois, mangueiravam, vassouravam a varanda e "carnaval da vitória" lavado também que era com sabão brasileiro e tudo,

tantos éfes e erres que vivia que nem um embaixador! E os miúdos mimoseavam-lhe festas, acariciavam-lhe a barriga até ele, domesticado, se estatelar quase a dormir e depois responder pelo nome: "carnaval da vitória"!

Mas Diogo começou a fartar-se com a mania do porco de exigir música. Experimentou porrada: ele berrou mais. Ruça e Zeca não gostaram. Ficaram mesmo tristes. Sugeriram açúcar. "Ora essa!

- ripostava Diogo -, açúcar que falta como ouro! um saco pequeno tanto tempo na bicha e ainda a carne fica doce!" - mas aceitou a proposta dos filhos. O porco achou a matéria nova, comeu, lambeu-se e parecia não refilar mais. Só que depois roncou mais alto do que antes, aparentando reivindicar mais açúcar. Diogo incendiou de fúria e aplicou um castigo severo: esfregou-lhe o focinho com jindungo. Foi o pior. O porco roncou que chega e foi preciso levantar o rádio no máximo para evitar mais suspeitas da vizinhança.

Nessa vez os miúdos amuaram revoltados contra o pai e Diogo passou a noite insone, vira que vira na cama a investigar remédio para satisfazer as exigências pequeno-burguesas de "carnaval da vitória.

Era isso mesmo!

No dia seguinte, Diogo trouxe um fio comprido e muito fininho todo enrolado. A mulher e os miúdos admirados à espera. Diogo ligou no rádio, pegou o auscultador pequenino na outra extremidade, meteu na orelha do porco colando seis tiras de adesivo como se fosse um penso. "Carnaval da vitória" permaneceu como que anestesiado.

- Conquistas da revolução! - rejubilou Diogo de braços abertos. - Estás politizado! Isto é que a comissão de moradores devia ver.

- Mas assim nós nem sequer podemos ouvir o noticiário.

- Porra, Liloca! Merdas da pequena-burguesia. Querem o céu e a terra. O capitalismo e o socialismo. Música e carne de porco sem sabor a peixe. Então liga o teu ouvido na outra orelha do porco.

E, a partir desse dia, por inventiva de Diogo, "carnaval da vitória" passou a ser

o ouvinte mais contínuo da rádio nacional. Noticiário, peça que nós transmitimos, programa para jovens, relatos de futebol e boa-noite Angola, tudo até adormecer de barriga bem cheia e sem qualquer contestação.

Zeca e Ruça iam contar estórias novas daquele porco oriundo da Corimba e que agora o pai deles dizia estava a aburguesar-se.

Na família Diogo cada vez mais se desenhava diferença de atitude em relação a "carnaval da vitória". Os dois miúdos tratavam o porco como membro da família. Limpavam o cocó dele, davam-lhe banho e, todos os dias, passavam nas traseiras do hotel a recolher dos contentores pitéus variados com que o bicho se giboiava.

O suíno estava culto, quase protocolar. Maneirava vénias de obséquio com o focinho e aprendera a acenar com a pata direita, além de se pôr de papo para o ar à mínima cócega que um dos miúdos lhe oferecesse na barriga.

Pai Diogo aferia o porco de maneira diferente. Para ele era tudo carne, peso, contabilidade no orçamento familiar. Indisposto de engolir o peixe frito, os olhos dele bombardeavam direito no porco para um balanço da engorda: "estás-te a aburguesar mas vais ver o que te espera - e com a mão no pescoço mostrava-se aos filhos na forma de como se corta uma goela - faca! é o fim de todos os burgueses!"

Os garotos desgostavam daquela forma do pai ser. Entristeciam da cena porque "carnaval da vitória" estava já na vida do coração deles ancho de amor pelo amigo mais íntimo. Dona Liloca entendia o sentimento e estacionava nessa indecisão de mãe e esposa, ora a comungar do carinho que os filhos dedicavam ao porco ora carnívora também nos desejos expressos no projecto do marido. As vezes até iamais longe do que Diogo, antecipando as metas do plano: "e se lhe dá uma doença e morre? Depois de tanta chatice. Só a maka para se tirar daqui, enterrar ou largar logo no contentor? Toda a gente ia saber que tínhamos porco em casa. Assim ao menos a gente matava já e pronto. Pelo seguro." Mas Diogo era planificado no cumprimento dessa mania de criar o porco ali no sétimo andar.

Assim o tempo a voar com o Zeca e Ruça a contarem novas estórias e

”carnaval da vitória” mais cada vez amigo bem conhecido nos intervalos dos garotos da escola. Que protestavam ”vocês prometeram trazer ele para aqui e nunca mais”. Ruça e Zeca nas desculpas de amanhã talvez mas só que faltava mesmo descobrir essa tática de iludir a vigilância dos pais à hora de saída de casa para a escola.

Até que por um aviso da mãe chegou o dia.

- Amanhã eu e o pai vamos almoçar fora. A vossa comida fica pronta e vocês levam a chave.

Então o plano foi traçado e, mesmo nesse dia, os dois irmãos mais o Beto conseguiram recuperar do Kinaxixe um carrinho de supermercado. Trouxeram para o prédio e guardaram no vão escuro da escada. Pra reforçar cuidado cobriram com sacos.

Esperaram só a mãe sair e quase nem comeram. ”Carnaval da vitória” consentiu imobilização, patas bem amarradas. Camuflaram bem o suíno e arrastaram o saco até ao elevador. Cá em baixo, Beto estava preparado com o carrinho de cargas.

E na escola a grande festa começou.

Ruça segurava a trela. Zeca fez uma cócega na barriga do porco ”vá carnaval da vitória”, o bicho logo deitado de pança para o ar e a mexer as patas num quase entendimento das palavras. Depois requadrupedava-se pesadão, rodava a cabeça, farejava e mais outro miúdo queria cocegar-lhe a barriga. Até que a professora surgiu na varanda da escola e bateu as palmas.

- Está na hora, meninos!

Qual quê! Ninguém lhe ligou. Ela desceu, veio no pátio e quis saber.

Ruça afagou a espinha do bicho e começou desde o princípio. O ladrão de porcos. A resistência. A educação esmerada que dedicavam a ”carnaval da vitória”.

- E os pais dele? - perguntou um dos miúdos, e outro respondeu:

- Devem ter morrido na guerra contra os talhos. - E todos desataram a gargalhar.

Então o porco exercitou as habilidades que aprendera e os miúdos contentes com a professora a dar atenção naquelas brincadeiras.

- A camarada professora pode tocar na barriga dele que está limpa. Toma banho todos os dias.

- O que Ruça disse é verdade - acrescentou Beto -, e ainda está gordo porque come do Trópico.

Aí a professora cocegou também e os miúdos bateram palmas. Foi quando despontou uma lembrança:

- Zeca, solta a corda. Vamos fazer uma roda e deixar o "carnaval" no meio.

O porco andando de um lado para o outro a dar encontro nos miúdos, e voltava para o meio do círculo em velocidade de corrida. Fazia pausa parada, abanava as orelhas e voltava a tentar furar a roda. Os garotos enxotavam e ele repetia a cena até que numa arrancada veloz passou no meio das pernas da professora e fugiu.

Todos os miúdos atrás dele, Zeca a chorar, sem "carnaval da vitória eu não vou entrar em casa", o porco ia a atravessar a rua, um carro travou, ele também, virou à direita até numa loja do povo, muita gente, a bicha desfez-se logo e num instante o porco estava imobilizado.

Ruça quis aproximar-se bem de perto mas não era possível porque as pessoas se amontoavam em *volta* do porco, a zaragatear.

Então Ruça falou num ó-dê-pê:

- Camarada chefe. O meu pai que é ó-dê-pê foi quem mandou levar o porco

em casa do camarada ministro. Fugiu, está aqui a corda.

- Xe camaradas! O porco tem dono - avisou o ó-dê-pê com a catana levantada.

Mas as pessoas continuavam a puxar o porco cada um de seu querer ficar com ele. "Carnaval da vitória" a grunhir alto.

- Tem dono como se o porco é meu?

Ruça e Zeca distinguiram bem a voz da mãe no meio daquela confusão das pessoas que agarravam no porco.

- Tem mais dono o quê? Porco de ministro tem mais outro dono? Sua ladrona de porcos - e os ó-dê-pês avançaram agressivos, tiraram o porco das mãos das pessoas e um deles recebeu a corda, amarrou no pescoço do bicho e entregou a Ruça.

- Agora cuidado. Porco de camarada ministro não se deixa fugir assim.

E Zeca viu nos olhos da mãe dele fingir que não lhes conhecia.

Mesmo assim as pessoas começaram a barafustar. "Quando é que porcos deixam de andar na cidade?" "A gente apanha um porco e ainda esse ó-dê-pê com bocas." "Fui eu que lhe apanhei primeiro e porco vadio é de quem agarra." "Não é nada de ministro, se fosse não ia a pé." E no recompor da bicha rebentaram outra vez makas. "Eu é que estava primeiro." "Não era nada." Começaram a encardumar-se no meio de pancadaria mais o ó-dê-pê, e Ruça, com a corda bem segura, deu logo numa corrida. "Carnaval da vitória" babava-se de cansaço.

Só depois de terem chegado à beira do muro da escola Zeca perguntou assustado para o irmão:

- A mãe?

Dessa vez, "carnaval da vitória" comeu mesmo nas traseiras do hotel, a corda amarrada no contentor. Ruça e Zeca na má sorte de rebuscarem forças para o

que faltava no azar daquele dia: enfrentar o pai Diogo, que não era para brincadeiras nessas coisas de desobediência.

”Carnaval” comeu sofregamente e os miúdos topavam nele um ar excitado, a tentar mesmo rebentar a corda com os dentes.

- Se fosse meu soltava.

- Mas Ruça, isso nem se pensa. E o pai?

Os dois manos estavam assim sentados na beira do passeio a ver o porco comer. Mas os pensamentos no pai. Qual seria a reacção de Diogo quando chegasse a casa?

- Está crescido, Zeca.

- Sim. com este tamanho dá nas vistas. Só quando começar a ficar escuro a gente regressa a casa. Senão ainda pode aparecer um fiscal, um polícia ou um ó-dê-pê roubam-nos o porco e se a gente chega em casa sem ele é fogo.

- Mesmo vamos apanhar.

- Não sei.

O sol faltava só um bocadinho da roda encarnada dele desaparecer lá no fundo onde mar não tinha fim. Ruça desamarrou a corda do contentor. Iam no caminho de casa. Naquela hora passavam muitos carros e não dava muito bem para atravessar as ruas, ”carnaval da vitória” podia ser atropelado. Por isso tiveram de duplicar o trajecto até chegarem no bairro.

- Xe! Salvaram-lhe! Grande vitória! Eu vou à frente. Se não estiver ninguém, chamo o elevador, faço sinal e vocês entram rápido.

Beto avançou e os amigos atrasaram o passo. Os corações a baterem no peso do medo de enfrentar o pai.

Depois fez o sinal. Correram para o elevador. E, mal chegaram no sétimo andar, deram encontro com o pai e a mãe sentados à porta do apartamento.

Diogo segurou logo a trela do bicho.

- A chave!

A mão de Zeca tremia quando entregou a chave na mão da mãe.

Diogo foi direitinho na varanda, amarrou a corda na barra da persiana e gritou para os filhos:

- Venham aqui, lumpenagem, quadrilha de bandidos. Vocês sabem a vergonha que a vossa mãe passou hoje até aguentar porrada de um ó-dêpê qualquer?

Diogo não escondia o nervoso, foi ao canto da varanda, pegou numa correia velha e começou a desancar nos miúdos. Liloca arrepiada.

- Pra quê mais bater? O porco voltou, Diogo.

- Voltou por sorte e estes gajos se não aprendem agora um dia param na cadeia.

Os miúdos pareciam resistir só com a raiva, chorando e soluçando baixinho, o que zangava ainda mais o pai, que redobrou os golpes. ui?

Então Ruça deu em sofrer alto:

Eu não sou bandido, eu não sou bandido!

- Liloca, levanta o rádio.

A mulher hesitou um instante até cumprir a ordem do marido.

Ouvia-se uma mistura de choro, gritos e música quando "carnaval da vitória" se empinou e grunhiu forte tentando morder a perna de Diogo, que reagiu:

- Espera que eu te digo. Quando chegar o carnaval tiro-te a fala.

Mas o porco teimou em berrar tão alto como nunca fizera, até os miúdos baixarem o choro quando o pai lhes parou de bater.

Diogo pegou no auscultador para introduzir no ouvido do porco. Só que, mal fez o gesto de lhe agarrar na orelha, o bicho falhou uma dentada.

- É porco, está tudo dito. Ingrato como vocês. Vá, Ruça e Zeca, vocês que andaram na vadiagem com esse malcheiroso, metam-lhe essa merda no ouvido.

Os filhos aproximaram-se de "carnaval da vitória", Ruça cocegu-lhe um bocadinho, o porco calou-se num instante, estava de papo para o ar, auscultador no ouvido.

Diogo debruçou-se na varanda, simulando olhar o trânsito lá em baixo. Acendeu um cigarro.

Era a dona Liloca quem estava a soluçar.

Nessa noite, Zeca e Ruça quase não dormiram a meditar em "carnaval da vitória" e naquela maneira de o pai lhe tratar só ganancioso na morte do porco. Ainda as acusações que Diogo fazia, Ruça não estava a entender bem.

- Zeca. Se o pai é que trouxe o porco e a gente é que lhe habituou no sétimo andar, com música e comida do Trópico, ele não tem culpa de ficar burguês.

- É verdade. Nós é que lhe pusemos. E como o pai disse que burguês acaba por ser morto, quer dizer que quando a gente deixa ficar burguês é pra matar depois?

- Isso não compreendi bem. Agora o que eu não gosto é o pai só querer "carnaval da vitória" por causa da carne. Nós não vamos deixar matar.

E, na cabeça dos miúdos, "carnaval da vitória" voltava aos seus tempos de habitante da Corimba. Saboreando bafos de fresco marítimo no quente de areia calada. Andando em suas analfabetas incursões pelos quintais paliçados de ramos de palmeira nesse intruso entornar as panelas das donas.

Espreitando mesmo no improviso dos bares as bocas das pessoas chupando nos "búlgaros" a cerveja fresca. E abocanhando até as cascas do marisco deitadas nas traseiras que davam de frente no beijo do mar. Vida de "carnaval da vitória" antes que rés-do-chão.

Marcados pela violência de pai Diogo, a fadiga foi dando lugar ao sono e, no depois, os corpos dos dois miúdos ficaram abraçados no sonho quase comum. Passeios de "carnaval da vitória" pelas praias da ilha ao domingo. Livre. Sem corda. Fazendo demonstrações de piruetas para os olhos dos banhistas. Entrando no pátio da escola em brincadeiras de não mais acabar. Aguentando lugar nas bichas. Admirado e respeitado pela comissão de moradores. E mordendo em pai Diogo quando este tentava, pela última vez, levantar a correia para os maiores amigos de "carnaval da vitória".

Redacção

Carnaval da vitória é o porco mais bonito do mundo. Meu pai que lhe trouxe no sétimo andar onde a comissão de moradores é reaccionária porque não quer porcos no prédio e o camarada Faustino tem kandonga de dendém e faz kaporrito a cem kwanzas cada búlgaro. Primeiro o nome dele era só carnaval. Depois que a gente ganhou a vitória contra o inimigo o nome ficou carnaval da vitória. O inimigo é um fiscal fantoche ladrão de porcos que lhe denunciámos no prédio onde ele ficou na vergonha. Carnaval da vitória é o porco mais bom do mundo porque quando veio na nossa escola a camarada professora deu borla.

O meu pai é um reaccionário porque não gosta de peixe frito do povo e ralha com a minha mãe. Ele é que é um burguês pequeno mas diz que carnaval da vitória é um burguês. Por isso lhe quer matar só por causa de comer a carne. Carnaval da vitória é revolucionário porque quando meu pai bateu em mim e no meu irmão Zeca ele lhe quis morder. Nós não vamos deixar matar carnaval da vitória porque a luta continua e o responsável da comissão de moradores não sabe as palavras de ordem que os pioneiros é que lhe ensinam. E a camarada professora é muito boa porque deixa fazer redacções que a gente quer e até trouxe na escola o primo dela Filipe que veio tocar viola dentro da nossa sala.

Ruça Diogo

O coordenador do centro de investigação pedagógica parou de mascar a lasca de cola. Cada um dos participantes da reunião não escondia a surpresa.

- Acho que pode tratar-se de um caso de inadaptação. Filho de um casal lumpen, por exemplo... - referiu a responsável pela secção de pedagogia.

- Mas como é possível!? Se foram dadas directrizes quanto aos temas? - considerou o coordenador. - Não se compreende. Se no ofício eram orientados no sentido de motivarem as crianças para escreverem sobre problemas do povo, exaltação dos valores ideológicos, etc., como é que uma professora escolhe para um concurso deste nível uma redacção sobre um porco? Camarada Sofia, já agora descubra aí o desenho que foi remetido por essa escola.

As mesas estavam repletas de pilhas de papéis. A responsável pela secção de desenho consultou uma lista, confirmou depois o número de um dos embrulhos e começou a procurar.

- Deve ser este. É mesmo este. Incrível - e desatou à gargalhada.

- Mas o que é?

- Veja só, camarada coordenador! - colocou o desenho no centro da mesa e todos se levantaram para observar. O coordenador apontava com uma esferográfica:

- Parece impossível. O porco ocupa quase toda a página. Da orelha sai um fio e vai para fora do espaço pensado para o porco. Na barriga, escrito hotel trópico e aqui à volta uma bicha. Isto parece uma escola. Aqui ao canto direito dois ó-dê-pês. Esquisito.

- Um momento, camarada coordenador disse o responsável pela veicular -, o título do desenho coincide com a redacção "carneval da vitória".

- Quer então a camarada dizer que a ideia que presidiu...

- *Claro*, foi a mesma. - Mas deixe ver. O autor do desenho é diferente do autor da redacção?

- Eu peço desculpa mas é ridículo estarmos a perder tanto tempo. Faltam ainda textos e desenhos para ver e assim nunca mais seleccionamos os trabalhos para a exposição. Aliás, sem entender nada de arte ou literatura, sou de opinião que a criança deve criar livremente.

- Vê-se logo que você é matemático. Devemos analisar o problema em profundidade e, no resto, a criança tem de ser orientada. Qual é o nosso papel, afinal?

- Nisso eu estou de acordo com o camarada coordenador.

- E eu também.

- Eu acho que sim.

- Eu retiro o que disse e penso que o camarada coordenador tem *razão*. Bem vistas as coisas. - O responsável pela secção de matemática, cornprometido, acendeu um cigarro e concluiu: -

- Entendo que devemos prosseguir os trabalhos.

O coordenador fixou os olhos na redacção e, na leitura íntima, foi mexendo os lábios. A seguir agarrou na folha do desenho e olha que olha na comparação texto sobre "carnaval da vitória" e ele mesmo desenhado grande na folha quase toda.

- Camarada Celeste, como é?

- Isto complica-se a partir de uma mensagem coincidente, expressa por forma outra que é a do desenho e não sendo a autoria comum. Pode tratar-se de um caso de alienação do grupo. Mas aí *temos* de responsabilizar a professora, pois ela é que elegeu texto e desenho em representação da sua escola. É só isso que eu tenho a dizer.

- Estou absolutamente de acordo - acrescentou o responsável pela secção de literatura -, o próprio nível de linguagem e a semântica revelam um afastamento do real, o que não é característico na criança, sempre motivada para recriar o dia-a-dia, em suma, a vida do povo, a revolução. Daí que se interrogue sobre a paternidade do texto, a própria oficina que lhe enforma um conteúdo tão característico da pequena-burguesia. Não será descabido convocar a professora para nos trazer todas as redacções. É que surge a pergunta: porquê em primeiro lugar o texto sobre o porco?

- Exactamente! - abriu a boca o coordenador, a cola esmagada pastosa na língua. - Ela tem de trazer as redacções e os desenhos.

- Até pode ser um caso psiquiátrico - alvitrou o responsável pela secção de matemática.

- Caso psiquiátrico nosso?

- Parece que fui claro, camarada coordenador. Caso psiquiátrico do miúdo, da professora, ou sei lá...

- Então chama-se a professora, não é? Alguém vota contra? Quem vota a favor?

E todos levantaram o braço.

um COMUNICADO

A COMISSÃO DE MORADORES ROUBOU UM PORCO QUE ESTAVA NA BICHA DA LOJA DO POVO.

ABAIXO OS ESPECULADORES!

O Fiscal do Ministério

João Pitanga Ismael

Nazário ficou furioso. Arrancou o cartaz. Entrou no elevador e carregou no botão do sétimo.

- O que é que o camarada deseja? - indagou Diogo só com meia porta aberta.
- Camarada Diogo. Você não respeita as leis no seio do prédio. Está bem. Um porco vive com pessoas. Makas com um fiscal. Já sei. Mas agora os seus filhos andarem a me gozar é que eu não admito. - E entregou o cartaz nas mãos de Diogo.
- Bem. Eu estou calmo. Primeiro, só uma pessoa que vive com porco é que sabe se porco vive com essa pessoa. O problema é seu. Segundo, nunca me encontrei aqui com fiscal e só quem anda a denunciar nos bófiás aqui é que sabe se fiscal veio. Chamador de bófiás é pidesco do antigamente do colono pequena-burguesia contra-revolucionária como o meu porco mas acabam sempre na faca e... - Diogo deu-se conta do lapso.
- Qual seu porco, camarada Diogo?
- Um que tenho em Nambuangongo e só quer engordar e chatear as pessoas. Como alguns porcos que há aqui no prédio.
- Mas não vim aqui para discutir. O camarada tem de aceitar a crítica e eu cheguei aqui só para você e a dona educarem melhor os pioneiros.
- Lição? Educar? Quem lhe disse que foram os meus filhos?
- Camarada Diogo, não venho para discutir. Ainda o camarada dantes me mandava entrar e agora fica no meio da porta porque tem o porco lá dentro.
- Isso é que eu não admito!
- Mas então deixe-me entrar.
- Mas quem lhe convidou para comer em minha casa! Patos fora! - e bateu com a porta na cara do responsável da comissão de moradores.
- Ruça e Zeca venham cá. Vocês é que andaram a escrever esta propaganda? - Diogo falava ridente.

- Não fomos - respondeu Zeca raspando com os olhos no cartaz. - Mesmo o pai ainda não comprou lápis de cor.

- É verdade. Tenho de vos comprar lápis de cor. - E Diogo prosseguiu satisfeito, fazendo um gesto largo para o porco como se conversasse com ele: - Tudo por causa de você. Em vez de se incomodarem com a vida das pessoas andam a chatear

a vida de um porco. Tudo tachistas, como esse requerimenteiro que apanhou boleia na revolução e agora é juiz. Eu ao menos não apanhei boleia nenhuma. Em casa dele passa ovos, dendém, carne e ontem quatro "ramalho eanes". Quando era "morteiro" eu vi três caixas. Se cada pessoa só tem direito a uma, como é que um juiz açambarca dessa maneira?

- Mas onde é que você viu isso? Para quê difamar assim à toa? - emendou a dona lá da cozinha.

- Eu é que sei. Adianta mas é o jantar - e prosseguiu: - Ruça, traz o tipol.

O filho abriu o frigorífico, trouxe o tipol e um "búlgaro". Diogo encheu o frasco e a cerveja acabou. Abriu a carteira e tirou uma nota de cem kwanzas.

- Zeca, vai buscar outro tipol. - E continuou, a desabafar com o porco: - Vê só, pá! Já bebo num frasco mas aí o teu vizinho Faustino, porco como tu, de certeza bebe num copo. Ó mulher! O porco está mesmo bom. Agora é que estou a reparar. Já nem deve saber a peixe.

- Saber a peixe, como?

- Então você não sabe que porco que anda na vida de marítimo quase patrão de costa nas areias da Corimba a comida dele é peixe, o respirar dele é marvento e a carne dele o sabor é do peixe? Mesmo galinha, pato, cabrito, coelho, tudo sabe a peixe. Mas este sabe mesmo a porco. Até me dá água na boca de pensar a inveja que o cheiro da carne dele assada vai brilhar na gosmeirice desse Faustino.

Ruça ficou preocupado. Era outra vez essa ideia que ele odiava. O pai só na intenção de matar "carnaval da vitória". Aquele porco amigo que acabara de

jantar bem boa comida que ele e o irmão arranjavam no contentor do Trópico. E o porco, mesmo com um ouvido tapado com adesivo, tinha o focinho virado para Diogo e parecia estar no significado das palavras. Zeca entrou.

- Pai, não há cerveja, o camarada Américo diz que acabou.

- Só faltava esta. Pronto, abre-se o "ramalho eanes" que era para o fim-de-semana. Também até lá ainda dura. Vai ver quem é. Tocaram a campainha.

Ruça foi à porta. Abriu e ficou em surdina a escutar as palavras de Beto.

- Vocês não viram o meu comunicado contra os inimigos de "carneval da vitória"?

- Fala baixo. Vimos. Deu maka. Quem arrancou foi o teu pai e veio aqui combater o outro inimigo de "carneval da vitória".

- Qual?

- O meu pai.

E os dois começaram a tapar com as mãos o riso na boca.

Diogo estranhou e foi na porta.

- Quem é? Tu aqui? Põe-te já a mexer. „ E Beto fugiu.

- Diogo, por que é que você mete as crianças no barulho dos crescidos? Eles são amigos e...

- E o quê? Se calhar criança não é espião? Primeiro o pai depois o filho. Para ver o porco, não é? Jantar! O que é o jantar?

A mulher não falou. Foi na cozinha e trouxe a resposta. A travessa de esmalte estava ali à frente.

- Outra vez "dia-a-dia na cidade". Merda pra isto. E o requerimentista a comer frango de churrasco que chega aqui o cheiro. Abaixo o peixefritismo. Se soubesse nem abria o "ramalho eanes" e também não sei o que é que tu andas a fazer nas bichas. Traz ao menos o jindungo para enganar e apontando para o porco: - se te apanho no prato meto férias só para comer.

- Mas também às vezes já comeste carne.

- Nem chega uma vez por mês!

- Também você no tempo do colono comia mesmo carne todos os dias? Mesmo casa assim não recuperaste?

- Cala-te com essa da pequena-burguesia. Sempre o tempo do colono, o tempo do colono.

E Diogo bebeu um copo de uma assentada.

- A camarada já faz ideia da sua convocação» Trouxe todas as redacções e desenhos?

- Sim. - Nos olhos da professora alindou-se uma onda de orgulhosa alegria. - Antes que me esqueça, os alunos propuseram e votaram todos a favor que a nossa escola passasse a chamar-se "carnaval da vitória".

- Parece que a camarada não está a entender ou está a brincar. Mas vamos ao que importa, o material.

Aquele tom agressivo do coordenador. Todos compreenderam, menos a professora.

As redacções e os desenhos iam passando de mão em mão e a professora a reparar no ar reservado e seco dos membros do gabinete, uma certa misteriosa desconfiança. E ela ainda a lembrar-se daquele dia alegre no pátio da escola, feliz com o aproveitamento dos seus conselhos aos miúdos: "devemos ter amor pelos animais". Estava consciente da sua maneira de actuar. Não batia nos alunos. As vezes, colegas até lhe gozavam por causa

desse idealismo "se em casa apanham, na escola andam direito se levarem também; não se pode mudar a escola sem mudar a família". Mas mesmo assim ela não tocava num miúdo.

- Pelos vistos é uma orquestra. Não mudam de tema. Todas as redacções sobre o porco. Todos os desenhos sobre o porco - disse a responsável pela veicular. - Tem de haver uma explicação.

- É mesmo uma orquestra e uma orquestra costuma ser ensaiada. Como é possível? com directrizes superiormente traçadas. Os programas, etc. Agora que as escolas são do povo, manda-se recolher material para um concurso e exposição de trabalhos infantis; orientam-se os professores para apoiarem as crianças no sentido da criatividade de temas sobre a vida do nosso povo, a exaltação de valores nacionais, datas históricas, etc., e, em vez disso, a camarada apresenta-nos uma escola inteira a dissertar sobre um porco! Como é possível!? Está aqui patente a ideologia pequeno-burguesa. É uma questão disciplinar: é mesmo verdade que a camarada deu borla por causa do porco e ainda leva um priminho para tocar viola na sala de aulas?

- Sim. A borla é verdade. Mas eu explico.

A professora susteve as lágrimas que se queriam libertar. E, de pormenor, contou de tudo essa aventura de "carnaval da vitória". Do que ela sabia de ver os miúdos no pátio mais os acrescentos antecedentes estóricos trazidos todos os dias por Ruça, Zeca e Beto, e que ela não achava mal a vida das crianças assim no imaginar e que também que um porco faz parte da vida das pessoas e é problema do povo. Mais: que Ruça era de talento raro mesmo com sua veia de poeta e quase não dava erros ortográficos. No fim esclareceu que nunca recebera ninguém para tocar viola na sala de aulas, mas como os miúdos inventavam violas com latas para imitar Carlos Buriti naquela cantiga "com esta especulação alguém há-de pagar", porque ela não gostava, andou a prometer apresentar aos miúdos o seu primo Filipe que tocava coisas antigas bonitas sem electrificação na viola e do tempo do N'gola Ritmos. Promessa que pensava cumprir.

- Temos é que acabar a selecção dos trabalhos para evitar segunda prorrogação do prazo. Este assunto fica para depois. A camarada pode

retirar-se. - Os membros do gabinete permaneceram em silêncio ante o ar severo do coordenador, que prosseguiu: - Devíamos era já fazer a proposta de ir para o Cuando-Cubango antes que ela se encoste a algum parente. Vocês é que ainda não repararam. É de família. É vê-dé. Por isso é que se dá a estas arrogantes surrealísticas. Viram a pretenciosa referência a Cadornega? Que tinha sua veia de poeta.

- Eu isso não concordo - disse o responsável pela secção de matemática, abanando a cabeça -, e não é por ser do sul. Primeiro, porque ainda não posso ajuizar sobre os actos da professora. Só após um inquérito. Depois, essa ideia de tudo o que é lixo despachar para as províncias, sinceramente, não concordo.

- É caso para pensar - concluiu o coordenador.

Sempre os miúdos a verem se aproximar fatalidade no seu amigo "carnaval da vitória". Pai Diogo irritado na sua contradição com o "linha-da-frente", o "cinturão das fapla" ou o "dia-a-dia na cidade", peixes sacrificados ao serviço da barriga do povo. E nessa irritação cada vez mais a entornar ódio contra o porco, desejo de lhe matar e transformá-lo em comida. "Amigo não se trata assim", diziam os miúdos à mãe nas ocultas do pai maníaco carnívoro.

Um dia os miúdos chegaram no Trópico antes de os restos serem lançados no contentor. Aproximaram-se daquela porta das traseiras. Ficaram um pouco a ver o funcionamento do relógio de ponto, até que chegou um camarada e falou:

- As aparas para os cães?

- Estão aqui - respondeu o controlador da porta entregando um saco de plástico dos grandes.

Ruça viu os bocados de carne dentro do saco. Então foi atrás do homem e, quando ele entrava no carro, indagou:

- Desculpe, camarada. Aparas é o quê?

- São restos de carne que sobram na cozinha do hotel e servem para dar a cães.

- Que comem só carne?

- Sim. Pastor alemão, cães polícias.

- E paga-se essa carne?

- Não. É restos de deitar fora.

E Ruça começou a combinar coisas **na cabeça dele.**

- Zeca, viste mesmo a carne? Bocados pequenos sebo misturado, mas se cortar aproveita-se aí bué.

E o plano foi traçado.

- Bom-dia camarada.

a -- O que é que vocês querem? - perguntou a dona de Faustino, desconfiada.

- A minha mãe saiu e não temos água fresca na geleira, era só para pedir um copo.

A dona nem respondeu e, enquanto virou as costas, Zeca retirou da mesinha do corredor algumas folhas de papel timbrado.

Quando ela voltou com o copo de água, disse ainda no Ruça:

- Mas o teu irmão não estava aqui contigo?

- Estava sim, mas esqueceu a porta da nossa casa aberta.

Tinham conquistado as folhas que lhe conheciam bem o sítio do tempo em que visitavam a casa do vizinho.

Fizeram um bocado de tempo. Depois desceram em casa de Beto já com um rascunho. Ruça deu instruções.

- com a máquina de escrever do teu pai. Neste papel.

Num instante, Beto leu o rascunho e viu o papel timbrado: *Tribunal da Comarca de Luanda*

- *2a Vara.*

À tarde, no fim da escola, quando chegaram na recolha da comida de "carnaval da vitória", Ruça aproximou-se do controlador da porta e entregou o

papel:

Tribunal da Comarca de Luanda - 2. a Vara

*Para os cães policias da cadeia do Tribunal peço aparas cruas de carne.
Mande-me pouco sebo. São cães estatais comem todos os dias.*

Saudações Revolucionárias

Faustino

Juiz)

O homem foi no fundo do corredor, fez uma ligação telefónica e voltou.

- Esperem só um bocado.

E não passaram dez minutos. Zeca e Ruça tinham um saco de aparas.

- Mas como é que deitam fora restos assim com carne boa?

- Zeca, tu não ouviste no Beto o pai dele lhe explicou que este hotel é só para embaixadores de fora? É o resto da carne que vai na mesa deles.

A mãe perguntou aos miúdos se a carne não tinham encontrado aí no lixo à toa ou se era mesmo da cozinha do hotel. Eles falaram a verdade, que era mesmo da cozinha, e ela ficou radiante com aquela ideia dos filhos. Ia guardar segredo para o pai Diogo acreditar que a carne saía nas bichas. E logo a dona se aprestou em separar a carne do sebo, esmerando depois nos temperos.

Quando chegou a hora e Diogo perguntou o que era o jantar, a dona passou na cozinha e trouxe a resposta.

- Funje de carne? Até que enfim, mulher! Bastou mudarem o ministro para a carne aparecer nas bichas. Vamos a ver agora se a pequena-burguesia lhe não atrapalha o trabalho. Assim é que é. Revolução começa na barriga.

Diogo ajindungou bem o prato. Repetiu três vezes, todas regadas e voltadas a

regar com "ramalho eanes".

E, nessa noite, dona Liloca decifrou estrelas de amor nos olhos luarentos dos filhos brilhando de alegria por não ouvirem o pai xingar no porco nem repetir ameaças de morte à facada contra "carneval da vitória".

- Liloca, senta-te um bocado no meu colo. O trabalho que tu tens nas bichas! As vezes estou no serviço a pensar nessa coisa. Deixa lá. Também, ainda este ano, quero ver se te compro uma televisão.

- Pai, fiquei em primeiro lugar num concurso de redacções. O meu nome vai vir no jornal, a professora é que falou.

- Assim é que é. Lembra-me a ver se te compro os lápis de cor.

Nos dias que se foram seguindo, Diogo comeu carne das mais variadas maneiras e os miúdos verificaram, contentes, o estado de espírito do pai em relação ao porco. Primeiro quase tinha deixado injúrias e ofensas e nada de ameaças de morte. Pouco a pouco era só um xingamento pequeno mas sem aquele ódio que Diogo despejava nas revoltas contra o peixefritismo. Mesmo essa palavra ele deixara de usar. Muito menos, "linha-da-frente", "cinturão das fapla", ou "dia-a-dia na cidade". Até que uma vez desabafou:

- Liloca, vê se amanhã fazes um bocado de peixe. com um mar de Angola tão rico como é que a gente come sempre carne? Importada. Se não há divisas para comprar outras coisas? Aliás, carne boa mesmo só de porco. Como a desse aí que falta pouco vai acabar nesta mesa. Chiça! O trabalho que ele já deu. E chatice, sacrifício de a gente estar a comer com os maus cheiros que ele deita quando quer e bem lhe apetece. Também agora nem por trinta contos eu vendo esse gajo.

Então a dona passou a alternar carne e peixe. Diogo reacalmou a ira contra "carneval da vitória". Mas foi só uma semana para recomeçar:

- Não percebo como neste país não há carne de porco. Disse-me um camarada que é o bicho mais barato de se criar. E aproveita-se tudo. A pele do boi não se come. A gordura também não. A do porco dá banha e torresmos. - Ruça interrompeu:

- Pai, a margarina faz-se com sebo de boi, a professora é que disse.

- Mas quem é que falou aqui em margarina? A tua professora a ver se troca sebo por toucinho! Pergunta-lhe. Ainda a carne de boi não se pode salgar. Quem não tem frigorífico está tramado. E o chouriço, morcela, paio e presunto? A carne de porco salga-se. E os ossos. Não percebo. Quando se viaja de carro encontra-se porco em todo o lado. Então por que é que o tal ministro não manda comprar os porcos das províncias e pôr a carne nas bichas de Luanda? Matadouro o tuga deixou. Vejam só: um povo revolucionário como o de Cuba tem a mesma opinião, come bué de carne de porco. - E virando-se para "carnaval da vitória": - Por isso espera, o dia do teu fuzilamento já vem aí, falta pouco, que eu não sustento porcos à comida do Trópico. Era o que faltava. Vais lerpar.

- E repetiu o gesto de corta pescoço. Os miúdos ficaram atónitos.

Entregaram um novo papel no controlador da porta:

Tribunal da Comarca de Luanda - 2. a Vara

os cães aborreceram carne de importação. Mande aparas de porco não marítimo.

Saudações Revolucionárias

Faustino

(JUÍZ)

- O que é isso de porco não marítimo, pioneiros?

- Porco que não anda na Corimba a comer só espinhas de peixe - esclareceu Ruça.

- Ai é! Mas digam no camarada que não há aparas de porco. O porco gasta-se tudo.

Aceitaram no costume as aparas de carne de vaca e, já no caminho para casa, Zeca comentou:

- Mas é verdade? Até num hotel de embaixadores de fora o porco come-se tudo não sobram aparas. "Carnaval da vitória" devia ter nascido cão ou gato.

- Gato não gosto.

À noite, quando chegou a hora do jantar, Diogo fez outra embirração porque o tipol acabara-se e o bar estava fechado.

- Merda para esta vida! Um homem farta-se de trabalhar, sábados vermelhos não falta e nem sequer há um bocado de cerveja - e bastou só um pequeno ronco de "carnaval da vitória" para Diogo passar ao ataque: - Cala-te, porco pequeno-burguês que na Corimba só cheiravas espinhas de peixe. Agora tens casa, não pagas renda e comes do Trópico tudo eu é que aguento. Mas falta pouco. No teu comba vamos comer a tua própria carne.

Os miúdos voltaram ao terror do aprazado assassinato do amigo e, antes de se deitarem, Ruça foi à cozinha e segredou na mãe:

- Veja se arranja uma camarada que troque a nossa carne por um bocado de carne de porco.

Liloca sentiu comovida a intenção do filho. E três dias que ela andou demandando amigas e conhecidas para no fim encontrar uma pessoa do Cazenga que aceitou a troca. Um saco de aparas limpas do sebo por um pequeno bocado de carne de porco cheia de gordura.

E assim preparou a refeição nova.

- Carne de porco! Eu não dizia? É o ministro que está a mudar as coisas. Mobilizou a porcagem que anda por aí a vadiar. Se todo o governo fosse assim não faltava cerveja.

- Pai - interveio Ruça -, mas a camarada professora disse que o que é preciso é mais milho e mandioca para o povo das províncias e que lá no mato nem chega cerveja.

- Diz na professora que isso é maka de campesinato, eu sou revolucionário da cidade.

Diogo comeu e lambeu-se. Mas quando procurava os cigarros bateu com o cotovelo no tipol ainda meio e este caiu entornando-se no chão.

- Parece que o azar entrou em casa desde que hospedámos o porco. Também que se lixe a cerveja! Estou a ficar enjoado. A carne era de porco marítimo. Sabor de peixe. - Levantou-se. - Mas o azar acaba quando eu te enterrar a faca no pescoço. Ainda os meus vizinhos deixaram de ser meus amigos por causa de você - e vibrou um pontapé em "carnaval da vitória", que protestou num berro grande a esmagar o coração revoltado dos miúdos.

Era véspera de Carnaval. Diogo faltou ao serviço e a casa movimentava-se num vai que volta de preparações. Ruça e Zeca sentindo cada vez mais perto a consumação. Desde manhã a banheira cheia de água, "pode faltar de um momento pró outro", alerta de Diogo na mulher. E mais todas as vasilhas disponíveis, baldes, panelas e garrafas se preencheram com água. Tudo isto assustava os miúdos. Pior mais era o facalhão que Diogo afiava com prazer e depois a trave de madeira com as duas extremidades enfiadas em dois buracos das paredes no canto da varanda.

Aqui vamos pendurar o morto! - regozijava-se Diogo.

Por isso, Ruça, Zeca e Beto encontraram-se nas escadas e decidiram elaborar mais um cartaz:

CAMARADAS MORADORES

OS ESPECULADORES DIOGO, FAUSTINO E NAZÁRIO SÃO CONTRA O CARNAVAL DA VITÓRIA.

ABAIXO A REACÇÃO

O Fiscal
Loló Madaleno

Quando Nazário chocou o olhar no cartaz, arrancou-o da parede e foi pessoalmente correr nas portas e convocar um por um os membros da comissão de moradores.

- Anda aqui a contra-revolução. Amanhã é dia de Carnaval. Isto é provocação para nos dividir e atrapalhar. Temos de ficar vigilantes. Se calhar são bombistas fantoches dos karkamanos. Eu acho que todos os moradores combatentes ó-dê-pê deviam fazer guarda à porta do prédio, isto é, por escala de serviço. Somos muitos e todos divididos dá pouco tempo a cada um. Nas noites de hoje e de amanhã.

A assembleia aprovou por unanimidade e houve mesmo quem propusesse busca imediata ao pré-io, casa por casa, pois que bombista se encontra às vezes quando a gente menos espera. Mas Nazário moderou os ânimos explicando o melindre das buscas em casa de camaradas sérios e que não iriam compreender. Assentou-se então naquele ponto único da ordem de trabalhos e uma comissão incumbiu-se de ir de porta em porta comunicar a medida e elaborar a escala de serviço.

A primeira hora calhou a Diogo, que antes de sair disse para a mulher:

- Ainda bem. Agora é que podemos ter a certeza que até amanhã ninguém nos vai roubar o porco.

Chegou a tarde de Carnaval. Liloca atarefada nos últimos preparos da matança mas, comungando da inquietude dos filhos, pediu a Diogo para lhes deixar ir ver o desfile. Ela não queria que os miúdos assistissem à morte de "carnaval da vitória".

- Está bem - acedeu Diogo -, mas onde houver confusão voltam logo. Cuidado. E às seis horas aqui em casa para ajudar no trabalho da limpeza e comer carne fresquinha.

Ruça e Zeca compreenderam as intenções da mãe. "Carnaval da vitória"

ergueu o focinho. Farejou. Grunhiu. Parecia cumprimentar os seus dois amigos. E no pensamento deles o porco chafurdava nas areias livres da Corimba e aparecia na escola para aquela roda de brincadeiras.

- Vá, toca a andar. <'

E, inconformados, os dois irmãos saíram. Havia que fazer qualquer coisa para salvar o porco. Só que nenhum deles adiantava projecto assim de repente. Cá em baixo encontraram Beto e, quase automaticamente, sentaram-se na berma do passeio. A euforia do povo andava já no ar.

- Hoje não nos mandam buscar os restos no Trópico? - Beto falava como que temendo uma resposta já sabida.

- Pois. Como vão matar "carnaval da vitória" não é preciso comida. - Ruça tinha o olhar distante da multidão que se movimentava ao longo da rua.

- Mas matam hoje mesmo? - afligiu-se Beto.

- Sim, vão matar... - Zeca sentiu vontade de contar o resto. Só que lhe faltava coragem. Ficavam só essas coisas dentro da cabeça. A faca, principalmente. Isso não lhe saía da ideia: ver o pai, satisfeito, afiando a faca grande para matar "carnaval da vitória".

Começaram a andar.

Toda a gente corria no mesmo sentido. Em direcção à zona das tribunas.

- Não vamos por aí - comandou Ruça. Melhor é a gente ir no princípio.

Caminhavam em silêncio e cruzavam-se com outros miúdos correndo alegremente em sentido contrário.

- Só a gente é que não vai nas tribunas.

- Nada, Beto. Vamos dar encontro com mais pessoas que vão ver sair o carnaval onde ele começa.

- Gente que também está triste? - quis saber Zeca.

- Não sei. Mas por que é que toda a gente há-de querer ficar nas tribunas?

Ali defronte, abriam-se aos olhos de Ruça as vagas que rebentavam lá em baixo. "Sim, vão matar. Que mistério era aquela grandeza de espuma branca, eriçando o mar?"

- Vocês não gostavam de ser onda?

- Deve ser bom. Assim por cima da água nem é preciso saber nadar. Quem me dera ser onda! - E Beto abria os braços.

- Mas Ruça - considerou Zeca -, não se pode ser onda. Ainda se uma pessoa fosse entrava com essa força do mar onde a gente queria. Onda ninguém amarra com corda.

Os outros perceberam. Zeca tinha voltado o olhar lá bem para o fundo nos contornos da Corimba. Território de "carnaval da vitória". Livre. Vadio na chafurda despreocupada. Afinal melhor seria terem solto o porco naquela vez depois da maka na bicha. Os efeitos da pancada do pai passavam depressa e "carnaval da vitória" ficava livre.

- Beto, quando levámos ele na escola devíamos-lhe ter largado.

Depois os grupos carnavalescos começaram a aparecer na curva. Vinham ainda quase só a andar, poupando-se para a demonstração logo que entrassem no trajecto oficial. Mesmo assim, nesse pouco de bonito, os miúdos foram-se deixando absorver pela fantasia das cores e o ritmo das músicas. E batiam palmas aplaudindo os grupos que integravam pioneiros. Só quando liam nos dísticos "carnaval da vitória" lhes reavivava a tragédia ameaçando o amigo no sétimo piso.

- Se calhar são já horas! - E Ruça interpelou um mais velho: - Que horas são, camarada?

- Cinco certas.

- Temos de ir. Depressa.

Zeca e Beto não se opuseram. De certeza, Ruça descobrira uma chave qualquer para salvar " carnaval da vitória

Corriam os três.

Chegados no prédio, Ruça sentou-se na *escada* e explicou:

- Beto, é preciso chamar o teu pai.

- Mas o meu pai foi ver o Carnaval.

- Então esperamos ele aqui e quando vier avisamos que tem um porco lá em casa. O teu pai fala no meu pai o fiscal nos apanhou na rua. Nos bateu. Tirou os nossos nomes e obrigou-nos a confessar. Depois o teu pai diz que o fiscal vem daqui a duas horas e o camarada Diogo não faça mal aos miúdos que não têm culpa mas solte o porco antes de o fiscal vir com os miúdos que ficámos na polícia.

- Então vamos esperar o pai do Beto. Uma réstia crescente de esperança desfraldava-se nos olhos de Zeca.

Os três sentados na escada. Medindo o tempo passar. Ninguém que subia nem descia.

- Hoje toda a gente foi ver o Carnaval. Ruça não escondia a impaciência.

- Mas deve estar quase no fim e o meu pai vem logo em casa.

A roupa da noite começou a vestir o dia e surgiu o elemento da ó-dê-pê para o primeiro turno.

- O que é que vocês estão aqui a fazer? Tu não és o filho do responsável da

comissão de moradores?

- Sim. Estamos à espera do meu pai, que foi ver o Carnaval.

- E vocês não foram?

- Fomos mas já viemos por causa da confusão do fim - respondeu Zeca.

- Estão a ouvir? No sétimo andar levantam outra vez o rádio no máximo. Há muito tempo que não faziam isto. Bem. Como hoje é Carnaval...

Ruça olhou logo no irmão adivinhando igual o pensamento dele. Por que é que o pai abria o rádio no máximo? Então o auscultador no ouvido do amigo? E, lembrando-se do tempo em que o pai abafava o roncar de "carnaval da vitória" com o rádio, pôs ponto final nas ideias para não pensar o pior.

O turno foi rendido e o homem que chegou trazia cara de mal disposto.

- Pioneiros, vocês já deviam estar em casa. Andam aí bandidos a escrever coisas contra-revolucionárias. De noite não é pra miúdos.

- Mas nós queremos ajudar a descobrir esses bandidos contra-revolucionários.

- E Ruça pôs-se de pé.

- Acho bem. Mas o vosso lugar é na escola. Aprenderem aquilo que os mais-velhos não conseguiram.

- Mas agora tem escola de noite. E é de graça. A nossa professora diz que só não estuda quem não quer. - Ruça ainda deu um toque no irmão pela inconveniência.

- A professora? Foi privilegiada do tempo do colono. Por isso é que é professora. Assim não custa dizer que só não estuda quem não quer.

- Por acaso a nossa professora veio do maquis. E estudou lá.

O homem ficou calado e de olhos no chão. Beto media-o de alto a baixo, feliz

por tê-lo derrotado com aquela mentira.

Então chegou Nazário.

- Pai, o camarada Diogo tem um porco dentro de casa. Ruça e Zeca vão explicar.

Os dois irmãos contaram rapidamente os assuntos de como Nazário devia ir lá em cima de maneira a evitar que Diogo depois se vingasse nos filhos.

- Muito bem, pioneiros! Assim é que é. Falar a verdade. Os mais-velhos deviam aprender convosco.

Nazário entrou no elevador a esfregar as mãos. O turno da ó-dê-pê tomara atenção nos casos mas ficou intrigado:

- Afinal vocês também fazem guarda? bom...

- Viva, camarada Nazário. Então o Carnaval?

- Pior que o ano passado.

- Mas entre! A casa é sua.

Nazário transpôs a porta e num relance verificou três mulheres afanosas na cozinha e dois homens abancados a comer e a beber.

- Liloca traz um prato para o camarada Nazário atacar umas febras.

- Ai isso não vou perdoar. Só o cheiro diz tudo.

- Olhe, camarada Nazário, nem vale a pena apresentação. É tudo família. E se fizéssemos uma farra? Só o que falta é aparelhagem.

- Mas isso tem o Faustino.

- *Então* convida-se o Faustino, os membros da comissão de moradores e todos os camaradas que fizeram serviço ontem e hoje à porta do prédio. Foi uma grande iniciativa.

- Dou a minha moção sem reservas. É preciso unir os moradores do prédio porque a unidade deve começar da base.

Liloca, apoiada na porta da cozinha, sussurrou para uma das amigas convidadas:

- Diogo é assim. Tanta coisa com o porco e se calha fica contente se os vizinhos lhe acabarem hoje com a carne.
- Onde é que estão os miúdos? - perguntou Diogo levantando os braços.
- Deixei-os lá em baixo com o amigo deles, o meu filho.
- Liloca, vai lá chamar os miúdos.

A mulher limpou as mãos ao avental e, antes de sair, olhou amarradamente os olhos na varanda: no sítio onde vivera "carnaval da vitória" estavam agora quatro fogareiros crepitantes e as febras, bem ajindungadas, estalavam sobre as brasas vermelhas.

- Ataque, camarada Nazário. É lombinho e não é marítimo.
- Espere um momento. Vou buscar a minha mulher, trago uma grade e na volta chamo o Faustino com a aparelhagem. Veja se precisam de louça e talheres.

Cá em baixo, os meninos confiavam na força da esperança para salvar "carnaval da vitória". E Ruça, cheio daquela fúria linda que as vagas da Chicala pintam sempre na calma do mar, repetiu a frase de Beto:

- Quem me dera ser onda!

GLOSSÁRIO

Basou Fugiu

Búlgaros Frascos que sendo embalagem de compota importada da Bulgária se utilizavam depois como copo

Candengui Criança

Capa-érre O mesmo que caporroto *Capowoto* Bebida alcoólica tipo aguardente, a partir de destilação de fermentado de açúcar com cereais, etc.

Catete Natural de Catete

Catolotolo Doença do tipo da malária

C.p.a. Do corpo de Polícia Popular de Angola

Comba Cerimonial do óbito

Embambas Teres, coisas, haveres

Fenelá Frente Nacional de Libertação de *Angola* (F.N.L.A.)

Carcamanos Sul-africanos

Maca Conflito, confusão

Morteiro **Corruptela** de "mosteiro", vinho importado do Brasil e de má fama

Ó-dê-pê Organização de Defesa Popular

Pancar Comer

Panquês Comidas

Quitanda Venda

"Ramalho eanes" Garrafão de vinho, na altura em que se retomou a importação de vinho português

Seguras Agente da segurança do Estado

Simonescos De Simons, nome de um conhecido radialista angolano

Tipol Recipiente que recebeu o nome da marca do produto e que servia para transportar cerveja de barril

Tuge Merda

Veicular Língua portuguesa

Vê-dê Referente a Van Dunem - nome de família de há muito influente nos diferentes sectores da sociedade angolana

Crónica de um Mujimbo

"Algum problema?"

"Não, um simples reflexo. Ando sempre com assuntos do serviço na cabeça."

Silêncio. E Feijó absorvido em associações de prós e para quês, de tão distanciado do seu hábito, compensa-se agora no clímax do tic, quase sem levantar a mão direita encavernada na virilha.

"Você tem algum prurido na região?"

"Qual região?"

"Na região permeai. Aí. Sente comichão?"

"Sim. Como hei-de explicar. É um tic nervoso. Desde miúdo."

"Depois da puberdade?"

"Não. Sempre que acontece um problema coço-me independentemente de ter ou não comichão. Julgo até que nunca tive comichão. Coço-me aqui, como se diz, na parte superior interior da coxa, acho que é assim. As pessoas pensam que é nos testículos mas não. Creio necessário distinguir bem por razões de ordem moral, cortesia, educação. Mas opina que me devo libertar deste tic?"

Antes pelo contrário. Você, por enquanto, precisa do tic. Nada de repressões. Ele é necessário de forma reflexa até que, mediante tratamento, realize o caminho consciente para ser e estar como deve e pode. E é preferível o tic a outros comportamentos de compensação. Há pessoas que face a um síndrome idêntico, fumam ou bebem preju-

dicando a saúde, o que não é o caso. A menos que o camarada se coce de tal maneira que ocasione perturbações cutâneas.”

”De tempos a tempos só me acontece desgastar as calças nessa região.”

”Então, olhe, coce-se para deixar de se coçar. E a propósito, bebe e fuma?”

Morto & os Vivos

”... e, também não é por acaso que estão aqui pessoas das mais diversas camadas da nossa sociedade e alguns diplomatas sediados no nosso país. Porque este homem, que só nos deixa fisicamente, continua connosco em espírito, como o exemplo vivo do cumprimento dos deveres de cidadão, chefe de família, esposo pai e militante cujas virtudes, todos nós, principalmente a juventude, devemos seguir, pela lucidez com que a sua prática política se exerceu, a coragem e, acima de tudo, a dignidade sempre de mãos juntas com a humildade!” - O orador levantou os olhos do papel e ofereceu o rosto, intencionalmente, bem fixado, à câmara de televisão.

”Filho de um comboio de putas! É demais. Um corrupto a fazer-me o elogio fúnebre. Eu conheço a conta bancária dele na Suíça. Só por isso renunciaria a ir para o céu. Encontrar esse cabrão no inferno, que é o lugar dele, e enfiar-lhe pela boca adentro uma acha de fogo desabençoada pelo diabo. E vai passar na televisão à minha custa. Ele que se péla todo quando recebe telefonemas de rosqueiras a dizerem que o viram na televisão. Este país está de rastos.”

O orador havia tocado o coração das mulheres. O grito de guerra para o choro carpideiro, colectivo, lançava-o Dona Márcia, legítima viúva do falecido. E logo-logo, rodeando o caixão aberto para a despedida, as mulheres, uma boa parte com véu sobre o rosto, entravam num choro que ecoava sob os muros altos do cemitério, pranto sobressaído com os gritos de Dona Márcia, ”Ai o meu marido!”. Daí que o orador se obrigasse a uma pausa. [...]

O orador mediu o tempo, de uma maneira de tudo pertencer ao seu discurso, e quando Dona Márcia se atirava, de forma quase irracional, para o caixão e era socorrida pelos braços de dois homens, ele, agarrando o incidente como se fosse uma vírgula, amenizada a choradeira, retomou a palavra, ”como ia dizendo, falava da dignidade e humildade deste homem com agá grande. Todos nós sabemos das dificuldades que o partido e o estado enfrentam no que concerne à indústria funerária. Quer em quantidade, porquanto a procura vem sendo sucessivamente superior à planificação, quer em qualidade, porquanto a herança colonial herdada nessa tecnologia de ponta, não foi a melhor. Mas, de qualquer forma, temos uma indústria nacional nesse domínio que comparada com a de outros países onde se morre menos, e atendendo a condições objectivas e subjectivas não fica nada a dever. E os presentes têm conhecimento de que

certas camadas mais privilegiadas da nossa sociedade recorrem a urnas das multinacionais petrolíferas, diamantíferas e outras, operando no nosso país. Em suma, recorrem a urnas de luxo com menosprezo pela indústria nacional nessa matéria. É pois saudável, exemplar e patriótico, em termos de nacionalismo e principalmente, da humildade de que há pouco vos falava, que este homem venha à sua última morada, num caixão simples, de fabrico nacional.”

”Filho da puta”

*E o morto adotou cada uma **dm**áasnasboedas do caixão...*

Rioseco

Ela aproximou-se mais da praia. Via, agora, na perpendicular. Era mesmo o Cabo. Mais um homem à civil, mangas de camisa e gravata. E os polícias armados de espingarda.

”Mas porque é que eles andam para aqui se a ilha começa lá atrás? Nesta hora é outra maka que não tem nada com a tal festa. Se calhar era melhor eu ir embora até na casa do Mateus. Sei lá. com polícia e tudo ainda me vão roubar nas minhas coisas. Meu Deus, diz-me se devo ficar. Então eu fico.”

E benzeu-se.

”Quem é esta senhora, Cabo?”

”Tu nem sequer devias responder, já aprendeste naquela hora e não te lembras. Porque esse candengue nem sequer cumprimenta quando chega na casa dos outros. Quem és tu?”

”Sou da cultura.”

Não sei o que é isso nem o que tu queres.” ”É um serviço do estado.” Não conheço.”

”O estado gastou muito dinheiro para a festa que devia passar domingo. As pessoas daqui comprometeram-se. O barco esperou e vocês nicles. Foi um acto contra-revolucionário. O que é que fizeram às coisas que foram deixadas aqui, gratuitamente, para a festa? Por isso é que trouxemos a polícia. Vocês têm que ser educados.”

”Não sei. Sei que esse Cabo é um cipaio muito caxico e o meu serviço é guardar aquela casa que é de um coronel que andei com ele na mata. Mais nada. Mas quem te pode responder é o comandante Rasgado.”

”Quem é? O Cabo não conhece?”

”Toda a gente conhece. É um tal Fundanga.”

”Perigoso?”

”Sim. Perigosíssimo.”

O vulto surgira por detrás da matebeira. Ainda era muito distante mas apresentara-se de pistola aperrada e em aproximação. Quando já vinha perto das buganvílias, um dos polícias tentou desbandoleirar a espingarda mas logo-logo dois balázios assobiaram por cima da cabeça do Cabo que se ajoelhou, abrigando-se por detrás de Noito bem agarrado na cintura dela.

”Armas no chão e mãos no ar. Falei. Senão torro.”

E disparou outro tiro.

”Quando os polícias deitaram as armas no chão e ficaram hirtos de braços levantados, Fundanga aproximou-se ainda mais.

”Vem cá Cabo.”

E desferiu uma coronhada na cabeça do Cabo do Mar.

”Muito tempo que andavas a precisar desta comida. Eu agora podia torrar tudo com esta macarofe mas não quero. Vocês são uma merda. E tu?”

”Eu sou funcionário da cultura. Não tenho culpa. Mandaram-me.”

”Então tira a roupa. Eu podia até vos amarrar aí numa pinheira cada um, chamar o povo todo para nós mijar e cuspir cambada de filhos da puta e vocês depois andarem todos amarrados e nus e o povo a ver. Cabo, tira também a roupa. E tirem os sapatos. Não, porreiro é andarem todos nus e de sapatos, Ah! Ah! Ah! Vão embora

daqui, depressa. Digam lá nos vossos chefes para mandarem mais bebida e comida.”

Roupas e armas no chão, os dois homens nus à frente e os polícias caminhando, ouviu-se uma risada de eco.

”Como é comandante Rasgado? Acordei nos tiros. Estava a ver tudo.”

Zacaria olhava lá de cima, à frente da varanda da casa, tronco nu, estendendo os braços espreguiçados numa boca fingida de calma e sobra de sono.

”Mestre do serrote, dá-me um bocado dessas bebidas que os gajos trouxeram no outro domingo. A/o/to, arranja só num matabicho. Há muito tempo que não recuperava duas espingardas ao inimigo!”

Da palma da mão

O Caderno

Nélinha escolhia sempre aquele lugar. Muito difícil porque a água podre e cinzenta oleosa do esgoto à superfície passava mesmo ao pé, com aquele cheiro chato, principalmente quando o calor apertava e as moscas pairavam demais. Mas era o sítio de onde melhor quem passasse para a frente, para trás ou qualquer dos lados, nos caminhos estreitos do mercado, tinha sempre de dar encontro saliente de olhar na bacia de jinguba.

Ela ficava assim com o vestido azul, roto do lado esquerdo, mostrando a inocência de um bico de seio a rebentarjá.

”Comprar amiguinho. Pai! Jinguba torrada!

E seus olhos grandalhões de euforia despertavam rinho de parar até o diabo e ansiedade, desejo quase MO

sabor daquela jinguba que ela levantava e deixava escorrer pelos dedos da mão direita para a banheira chamando ainda mais a atenção e provocando gula ensalivada na boca dos candengues esfarrapados.

A banheira era de plástico, vermelha. Das maiores. Sempre limpinha, por cima da sarapilheira. ”Banheira limpa, minha filha, é que chama confiança nos clientes,” aconselhava sempre a mãe. E bastava vender até meio fazia quarenta barras.

A jinguba estava toda bonita, bem apresentada, dormida no sal e torrada no ponto, casca solta de sair simples dois dedos, banheira até meio. Espetados na jinguba ela

mantinha sempre cinco cartuchos. A mãe mandava assim, "nunca deixes se diminuir cinco. Esse é que é o número da tua sorte." Um cliente comprava ela tirava o caderno, também enterrado na jinguba, fazia outro canudo e ficavam cinco outra vez. Quando já tinha vinte barras pedia na quitandeira da couve:

"Tia Fefa guarda-me só um bocado."

E ia na banca de tomate da mãe acautelar o dinheiro.

E foi de uma vez assim dessas. Nélinha tinha ido levar o dinheiro na mãe e retomar o negócio da jinguba. E, no momento em que estava a chegar, apareceu a polícia. "Paralelas de merda a venderem coisas roubadas no Comércio Interno." Fizeram um tiro. As pessoas a correr umas amontoadas nas outras. As donas com as quindas na cabeça e gente a passar por cima da banheira dejinguba que se virou para o riacho de esgoto.

Ficou um polícia a olhar para o caderno aberto, todo emporcalhado no esgoto, a abanar um bocado parecia era um pássaro ou barco encalhado na espera de maré. De capas analfabetas ao léu, reviradas, com os versos do Hino Nacional.

Nélinha a chorar.

Acabou de imprimir-se

em Abril de 1999

na Prínter Portuguesa, Lda.

numa tiragem de 4000 exemplara»

DEPÓSITO LEGAL 136904/99